



HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS OBRAS VISIONÁRIAS DAS LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: BRAVE NEW WORLD, 1984 E FAHNHEREIT 451

HISTORY AND MEMORY IN THE VISIONARY LITERARY WORKS OF THE ENGLISH LITERATURES: BRAVE NEW WORLD, 1984 E FAHNHEREIT 451

RESUMO: O presente trabalho pretende comparar as maestrais obras das Literaturas de Língua Inglesa: *Brave New World, 1984*, e *Fahrenheit 451*. Objetiva-se propor um padrão entre os livros tendo em vista o controle da memória, e conseqüentemente do passado, que torna possível, também, controlar a História. O ambiente visionário também os possibilita serem comparados no ato de destruição dos livros nas sociedades descritas ao longo dos três enredos, com o mesmo ato de queimar livros, delineando o fato principal que guia toda a análise. Ao se comparar as três Literaturas, culmina-se na importância imprescindível que é o incentivo da leitura da boa Literatura nas escolas, para a criação de pensadores críticos em nossa sociedade, que, estabelecendo os conceitos de realidade e ficção, também apresenta a mesma persuasão e lavagem cerebral descritas nos livros, mesmo com um tom sutil. Como aporte teórico para análise foram usadas as teorias do que é fato e ficção quanto aos conceitos de Literatura e História, de Eagleton (2003), quais são os aspectos da boa Literatura, de Lewis (2004), os conceitos de mímeses e verossimilhança de Aristóteles, interpretados por Costa (1992) e o conceito de memória e sua relação com o desenvolvimento humano por Lima (2009).

PALAVRAS-CHAVE: história; memória; Brave New World; 1984; Fahrenheit 451

ABSTRACT: The following paper proposes to compare the science fiction masterpieces of the English Language Literatures: *1984*, *Fahrenheit 451* and *Brave New World*. The aim here is to propose a pattern on the books, showing that by controlling the memory, and consequently the past, it's also possible to control the History. The visionary environment also enables them to be compared with the destruction of the books in the societies described through the three plots, with the same act of burning books, picturing the main fact which guides the whole analysis. The analysis ended up showing how important the motivation of reading at school is, to create a critical thinker in our society in which establishing the concepts of what reality and fiction is also presents the same persuasion and brainwashing described on the books, although tacit. To support the analysis it used the theories of what is fact and fiction when it comes to Literature and History, by Eagleton (2003), what are the aspects of a good Literature, by Lewis (2004), and the concepts of mimeses and verimilitude from Aristotle, interpreted by



Costa (1992) and the concept of memory and its relation to the human development, by Lima (2009).

KEY-WORDS: history; memory; Brave New World; 1984; Fahnhereit 451

Introdução

A Literatura, de modo geral, com seus realismos e fantasias, serve de registro histórico e cultural ao longo da história da humanidade. Questiona-se a distinção entre fato e ficção, assim como assevera Eagleton (2003) no fim do século XVI o termo “novel” foi usado tanto para acontecimentos reais quanto fictícios. O autor ainda defende que: “Alguns tipos de ficção são literatura, outros não, parte da literatura é ficcional e parte não é, a literatura pode se preocupar consigo mesma no que tange ao aspecto verbal, mas muita retórica elaborada não é literatura” (EAGLETON, 2003, p. 16).

A verossimilhança de seu enredo é estabelecida, muitas vezes, por meio do retrato da natureza humana que desperta reações no leitor. O retrato universal contribui também para que uma obra seja considerada literária na época em que foi escrita, como também adere prestígio à obra muitos anos depois de sua publicação. É nesse sentido que mesmo uma obra de ficção pode se aproximar da realidade:

Somente porque é também um Poema [*algo feito*] que um Logos [*algo dito*] se torna uma obra literária plena. Num sentido inverso, fantasias, emoções e pensamentos a partir dos quais o Poema constrói sua harmonia são despertados em nós pelo Logos, para que ele se dirijam, e, sem ele não existiriam. Visualizamos Lear na tempestade, compartilhamos de sua ira, encaramos toda a sua história com piedade e horror. Reagimos, assim, a algo que é, em si mesmo, não literário e não verbal. A literatura em pauta se assenta nas palavras que apresentam a tempestade, a ira, a história toda, de maneira a despertar essas reações e ordenando reações segundo o padrão da “dança” ou do “exercício” (LEWIS, 2004, p.117)



Em seu sentido pleno, a Literatura desperta no ser humano as emoções e pensamentos, reflexo da apreciação da arte que veicula. Não é necessário, no entanto, que o registro seja uma reprodução da “realidade” para que possa ser aceito, como já defendia Aristóteles na *Poética* ao postular seus conceitos de mimese e verossimilhança “o conceito aristotélico de mimese não significa mera imitação ou reprodução da ‘realidade’” (COSTA, 1992, p.53).

A definição dos conceitos considerados antagônicos do factual e do real impossibilitaria, portanto, considerar a Literatura como oposto da realidade, mesmo as narrações da epopeia “podem, a um tempo, ser lidas como fonte histórica, filosófica, psicológica (pela catarse) e também ficcional, num sentido de imaginativo (CANDIDO, p___, 1972).

À luz dos pressupostos teóricos de Eagleton (2003), Lewis (2004) Costa (1992) e Candido (1972), apresentar-se-ão as obras de ficção das Literaturas de Língua Inglesa: *1984*, *Fabnberit 451* e *Brave New World*, em ordem de publicação cronológica, de modo a estabelecer uma comparação entre as obras visionárias relacionando os conceitos de história, memória e controle midiático

De Aldous Huxley, *Brave new world*

A maestria de Aldous Huxley foi revelada em suas diversas obras, contudo, o seu brilhantismo pode, com certeza, ser ressaltado na obra *Brave New World*, fonte inspiradora de diversos artistas, como por exemplo, Orwell e Bradbury. Escrito nos anos que sucederam a Segunda Guerra Mundial, tem seu tom delineado pelas consequências da guerra, sendo uma resposta do autor à confusão da sociedade que se sentia fora do controle.

A denúncia de *Brave New World* recai nos aspectos desumanizadores da ciência e do progresso material. Nesse mesmo estilo, o autor ainda publicou obras como *Eyeless in Gaza* (1936), um romance pacificador e os ensaios compilados em volumes como *Music at Night* (1931) e *Ends and Means* (1937).



Huxley foi um autor atento à realidade que o cercava e soube condensar todas as suas angústias em seus livros. Duas semanas antes da publicação do *Brave New World*, o autor participou de um programa de rádio na B.B.C e discutiu o possível uso de eugenia (ciência que estuda as condições mais propícias para a reprodução e o melhoramento da raça humana) como instrumento de controle político, estudo vigente pós-segunda guerra mundial, em voga, principalmente, na crença da raça superior de Hitler.

O livro também retrata, ao longo do enredo distópico de *Brave New World*, seu medo de que as pessoas cederiam à governos totalitários, num período pós-guerra, porque como Huxley chegou a afirmar: “It may be that circumstances will compel the humanist the liberal to resort to dictatorship. Any form of order is better than chaos”.

Em seu ensaio sobre ficção científica, Lewis aponta que, tratando-se de romances que propõem uma fuga, a ficção seria temida por alguns: “‘What class of men would you expect to be the most preoccupied with, and most hostile to, the idea of escape?’ and gave the obvious answer: ‘jailers’. The charge of Fascism is, to be sure, mere mud-flinging. Fascists, as well as Communists, are jailers” (LEWIS, 1982, p.63).

Entende-se, portanto, que uma visão sobre o contexto da obra e as influências do autor são relevantes na leitura do livro que serviu de inspiração para toda uma geração de posteriores autores.

De George Orwell, 1984

O aclamado livro de George Orwell, *1984*, foi polêmico mesmo antes da sua data de publicação. Com sua crítica direta aos governos totalitários, a *Literatura Visionária* de 1949, juntamente com a alegoria política de *Animal Farm*, colocava a vida do autor em risco pelo contexto histórico vivido pelo mundo, a mesma da ambientação de seu enredo, até então.

O controle do partido é evidenciado em todo o livro, como destacado no trecho: “We, the Party, control all records, and we control all memories. Then we control the past, do we not?” (ORWELL, 1987, p. 260). As personagens descritas no livro também remetem, com



algum propósito, as figuras políticas da época: “the face of a man of about forty-five, with a heavy black mustache and ruggedly handsome features” (ORWELL, 1987, p.3). É possível construir a imagem de um mesmo governo totalitário na descrição físicas do *Big Brother* em Stalin.

A figura de Stalin é, portanto, descrita na sociedade de 1984 concomitante ao período que correspondeu ao seu poder no Partido Comunista da União Soviética de 1922 a 1953. Tal influência entre realidade e ficção é analisado por Eagleton (2003):

Portanto, o que descobrimos até agora que não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. (EAGLETON, 2003, p.22).

A estreita relação entre Literatura e História pode ser, então, entendida como a veiculação da ideologia presente na obra. Escreve-se com um propósito ideológico, e, mesmo nos moldes da ficção é possível relacionar o enredo com a realidade. Na vida de Orwell, seus livros tiveram grande influência por conta do teor político e ideológico veiculado por seus obras; como reflexo, mesmo após a sua primeira publicação com o romance intitulado *Down and Out in Paris and London* em 1933, o autor sofreu com “in-house censorship”, um tipo de vigilância domiciliar.

De Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*

Na mesma linha distópica de *Brave New World* e *1984*, o mais recente dos livros lançados foi *Fahrenheit 451*, com sua primeira publicação em 1953. Numa sociedade totalitária, nem mesmo novas versões de livros são produzidas, todo e qualquer papel deve ser queimado à mesma temperatura que dá nome ao livro. Para que isso aconteça, o corpo de bombeiros foi habilitado a destruir, com chamas, os livros que forem denunciados: “Any man’s insane who thinks he can fool the government and us” (Bradbury, 2004, p. 33).



A semelhança entre os governos descritos ao longo dos três enredos apresentados não é mera coincidência. É muito provável que os dois últimos autores apresentados por ordem temporal, leram *Brave New World*, buscando, assim, inspiração para suas obras. Lewis classifica os romances como proféticos: “A much more frequent use of the leap into the future, in our time, is satiric or prophetic: the author criticizes tendencies in the present by imagining them carried out to their logical limit. *Brave New World* and *1984* leap to our minds” (LEWIS, 1982, p.58).

Tendo em vista o mesmo plano de fundo dos outros romances, *Fahrenheit 451* foi inspirado, segundo seu autor, na queima de livros de Berlim, do qual Bradbury presenciou pela mídia. A sua paixão pela literatura também teve influência em sua obra, o autor já sabia ler aos três anos e, segundo muitas das suas entrevistas, nunca saía da biblioteca; logo, a experiência de presenciar uma queima de livros no regime totalitário pela televisão, levou-o a criticar a possível ameaça de monitoramento e repreensão também recorrente nos Estados Unidos, que alegava-se a difusão de ideias comunistas e possuía planos de instaurar, também, uma censura. O medo de Bradbury culmina na defesa da Literatura em sua obra:

The books are to remind us what asses and fool we are. They're Caesar's praetorian guard, whispering as the parade roars down the avenue, "Remember, Caesar, thou art mortal." Most of us can't rush around, talking to everyone, know all the cities of the world, we haven't time, money or that many friends. The things you're looking for, Montag, are in the world, but the only way the average chap will ever see ninety-nine per cent of them is in a book” (BRADBURY, 2004, p. 86)

O resultado de toda a experiência e leituras foi um enredo bem construído e que se sobressai no que tange à importância da Literatura, reiterando a relação entre memória e desenvolvimento humano.

História e memória nas obras



Na caracterização individual das obras percebe-se ao se tratar de enredos ficcionais ainda é possível estabelecer uma relação entre Literatura e sociedade, seja por meio da verossimilhança da obra, seja por meio da ideologia veiculada pelos autores em seus enredos. Assim como assevera Candido em seu ensaio “O que é Literatura?”:

A noção de verdade, no sentido de factual, bem como de ficção, no sentido de imaginativo parece não fazer mais o mesmo sentido. [...] os limites entre as formas de expressão são turvos, e por vezes, indefinem o que seja factual ou ficcional. Se concordar que a história e a literatura são discursos, constructos humanos, elas estão mais próximas que se imagina. (CANDIDO, p. 22, 1972)

O oposto da ficção, então, não é a verdade. As linhas tênues entre Literatura e História ainda podem ser encontradas pelo registro regionalista presente da obra, levando-se em consideração que qualquer romance possui de plano de fundo, a ambientação, os costumes, o linguajar decorrente da região em que foi escrito e também com referências dessa mesma época.

Nesse sentido, mesmo tratando de romances visionários, ainda tem-se configurado a denúncia social, com influências desde as experiências de vida dos autores até a sociedade configurada à época.

Um dos aspectos ficcionais ressaltados nas obras que dialoga com a realidade é a verossimilhança da queima de livros relacionável, principalmente, à sociedade alemã de 1933. Apesar do grande palco de queima de livros ser na Alemanha nazista, não se desconsideram as várias outras sociedades em que isso também aconteceu de modo a controlar as opiniões e destruir a memória registrada até então. Como apresentado em *Brave New World*:

The Savage's face lit up with a sudden pleasure. 'Have you read it too?' he asked. 'I thought nobody knew about that book in here, in England.' 'Almost nobody. I'm one of the very few. It's prohibited, you see.' [...] 'But why is it prohibited?' asked the Savage. In the excitement of meeting a man who had read Shakespeare he had momentarily forgotten everything else. The



controller shrugged his shoulders. 'Because it's old; that's the chief reason. We haven't any use for old things here.' (HUXLEY, 2004, p.192-193)

No trecho de Huxley, o Selvagem literalmente se encanta em encontrar alguém daquela civilização que havia também lido Shakespeare, a única obra que ele tivera contato ainda na Reserva. Sob o controle persuasivo e a lavagem cerebral instalada na civilização que John sentia prazer em não fazer parte, não é permitida a presença de livros como conhecidos há milhares de anos atrás, apenas as readaptações que privilegiam o pensamento defendido pelo governo.

Também, na *posteriori* obra de 1984, tem-se configurado a destruição dos livros de modo a controlar a sociedade:

The whole Literature of the past will have been destroyed. Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron - they'll exist only in Newspeak versions, not merely changed into something different, but actually changed into something contradictory of what they used to be. (ORWELL, 1987, p. 56)

A Literatura do passado, com seus célebres autores, assim como no modelo fascista, fora destruída por uma razão em específica: o apagamento da memória contribuía para que a sociedade fosse facilmente controlada. As versões disponibilizadas pelo governo contribuía para a manutenção do sistema imposto, de modo a veicular ideias condizentes ao governo.

Por fim, a obra mais recente de *Fahrenheit 451* trata de modo aberto da queima dos livros, tendo, como deixa claro seu autor nas várias entrevistas dadas, a imagem da queima de livros em Berlim no regime nazista, a sua maior inspiração:

And for the first time I realized that a man was behind each one of the books. A man had to think them up. A man had to take a long time to put them down on paper. And I'd never even thought that thought before." He got out of bed. It took some man a lifetime maybe to put some of his thoughts down, looking around at the world and life, and then I came along in two minutes and boom! It's all over. (BRADBURY, 2003, p. 51 -52)



Na sociedade delineada ao longo do enredo de *Fabnhereit 451*, é expressamente proibida a leitura e a manutenção de livros em casa, ou em qualquer outro lugar do mundo. Para que o controle seja completo, os bombeiros foram habilitados para queimar os livros que encontrassem, à mesma temperatura que dá título ao livro. Um dos bombeiros, no entanto, Montag, se sensibiliza à certa altura de sua profissão, e questiona a razão de se queimar livros, afinal, qual seria a ameaça que eles apresentavam.

A ameaça controlada em todas as três sociedades descritas e verossímeis aos regimes totalitários recai no registro histórico que possibilita, também, o desenvolvimento da memória no ser humano: “[...] memória e imaginação, funções da mente fundamentais para a evolução do ser humano e para o desenvolvimento cultural da humanidade e que são, igualmente, importantes nos processos de desenvolvimento e aprendizagem de todas as pessoas” (LIMA, 2009, p. 4). Cientes disso, os autores já deixariam claro em suas obras essa relação entre memória e Literatura, como ilustra *1984*:

The past, he reflected, had not merely been altered, it had been actually destroyed. For how could you establish even the most obvious fact when there existed no record outside your own memory? He tried to remember in what year he had first heard mention of Big Brother. He thought it must have been at some time in the sixties, but it was impossible to be certain. In the Party histories, of course, Big Brother figured as the leader and guardian of the Revolution since its very earliest days. (ORWELL, p. 38, 2008)

Winston Smith toma consciência de que o passado não foi apenas alterado pelas novas versões criadas e distribuídas para a população, antes o passado em si havia sido destruído com a queima dos registros históricos do qual também se incluem os livros. A memória fora enfraquecida ao longo dos anos, com as técnicas de persuasão, manipulação e lavagem cerebral, descritas em *Brave New World*:

‘Accompanied by a campaign against the Past; by the closing of museums, the blowing up of historical monuments (luckily most of them had already been destroyed during the Nine Years’ War); by the suppression of all books published before A.F 150’ (HUXLEY, p. 43-44, 2004)



Com as técnicas de lavagem cerebral aplicadas enquanto as pessoas dormiam, eram repetidas centenas de vezes frases que se tornariam verdades absolutas na cabeça dos indivíduos criados em laboratório, e controlados, desde o pensamento, nos seus primeiros anos de vida refletindo no desaparecimento da memória. Em *Fabnberreit 451*, voltado para a questão central de queima dos livros, a presença da relação memória e Literatura é ainda mais visível:

Books were only one type of receptacle where we stored a lot of things we were afraid we might forget. There is nothing magical in them at all. The magic is only in what books say, how they stitched the patches of the universe together into one garment for us. (BRADBURY, p. 82-83, 2003)

O medo do esquecimento presente na obra de *Fabnberreit 451* está intrinsecamente ligado com o desenvolvimento humano, Lima (2009) defende que:

Todo o conhecimento se situa no tempo. O conhecimento que a pessoa já detém foi constituído no passado. O novo conhecimento é um projeto que se delinea do presente para o futuro. Para a construção do novo, há necessidade de recorrer à memória (conhecimento passado) a fim de evocar os elementos e os procedimentos necessários à ativação dos processos do pensamento que serão utilizados para as novas aquisições (LIMA, p. 12, 2009)

Tendo em vista que o conhecimento só crescerá a partir do desenvolvimento de memória no ser humano, temos nas três obras uma sociedade estagnada do qual apenas algumas pessoas, entre elas os protagonistas, possuem a real consciência do que está, de fato, acontecendo.

Nesse sentido, o principal objetivo adjacente à perda da memória também é a persuasão e manipulação das pessoas descritas por Bosi (2002) como presente na nossa realidade: “Uma das decorrências mais visíveis do que chamei *tempo acelerado* da indústria



cultural é a perda da memória social generalizada que lesa o seu consumidor inerme” (BOSI, 2002, p. 10).

A indústria cultural descrita, também, por Adorno (1972), e retomada por Bosi, seria a tradução do factual para a sociedade atual das versões de Arte adaptadas destinadas à sociedade de *Brave New World* e *1984*. A verdadeira razão dessa indústria vigente relaciona-se com os regimes totalitários e manipuladores dos livros: “As elucubrações da indústria cultural não são nem regras para uma vida feliz, nem para uma nova arte de responsabilidade moral, mas exortações a conformar-se naquilo atrás do qual estão os interesses poderosos” (ADORNO, 1972, p. 293). Tem-se configurado, também, a impossibilidade de pensamento emancipatório do homem, o qual também culminará na perda de memória e na não possibilidade de desenvolvimento. Tal domínio e controle são magistralmente descritos em *1984*:

Very likely the confessions had been rewritten and rewritten until the original facts and dates no longer had the smallest significance. The past not only changed, but changed continuously. What most afflicted him with the sense of nightmare was that he had never clearly understood why the huge imposture was undertaken. The immediate advantages of falsifying the past were obvious, but the ultimate motive was mysterious. He took up his pen again and wrote: I understand HOW: I do not understand WHY. (ORWELL, 1987, p. 83)

O direito à criação e ao desenvolvimento da memória, do qual os três livros são destituídos, – seja pelo apagamento da palavra *Mãe*, pela manipulação midiática presente em *1984* do qual Winston mesmo não entendendo o porquê já criava uma consciência de que havia um motivo por trás disso, ou pelo não acesso a nenhum livro em *Fabnhereit 451* – está intrinsecamente ligado à função simbólica do ser humano, a leitura, como assevera Lima (2009):

A construção de conhecimento no ser humano só é possível porque temos a função simbólica. Os símbolos são, em sua grande maioria, aleatórios: é o ser humano que confere significados aos símbolos. Um bom exemplo é a



invenção da escrita. [...] A memória envolve a função simbólica. [...] Isso corresponde biologicamente a uma rede neuronal de grande complexidade, envolvendo várias áreas do cérebro (LIMA, 2009, p. 8).

A retenção de informações, embasadas na memória, e o desenvolvimento humano se relacionam e promovem o desenvolvimento do ser humano quando, também, ligados à escrita e ao seu registro histórico. Logo, a Literatura serve, também, como ferramenta de emancipação racional do indivíduo, motivo pelo qual tanto governos totalitários, com acerto, a temiam.

Considerações finais

Sob a perspectiva de comparação entre as três maestrais obras de Literatura de língua inglesa, no âmbito da denominada ficção distópica foi possível estabelecer características das quais os três livros compartilham, o mais relevante de todos, no entanto, foi o fato de que a construção do texto literário representa, em alguma medida, a vida.

A realidade escrita e descrita pelos autores buscam influenciar a sociedade ao se representar o ser humano em suas crenças políticas e valores de uma determinada época. É o que Candido defende ao ressaltar que a arte “produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte” (CANDIDO, 2006, p. 29).

Levando-se em consideração o papel da arte em si, a Literatura foi ressaltada de modo a se buscar os contextos e fatores influenciadores por detrás das três obras, tendo em vista a correlação entre factual e ficção. Nesse sentido, História e Literatura foram encarados como discursos, resultando em uma tênue limite entre as duas classificações.

Buscou-se estabelecer uma proximidade semântica entre os três enredos, haja vista dois fatores: a destruição de livros e o apagamento da memória. Ambos aspectos analisados e



fundamentados nas três obras analisadas, foram interpretadas à luz de teorias psicológicas e sociológicas.

Na análise psicológica, tem-se configurado que o ato de destruição de registro histórica, nas três obras, levou também à perda da memória que foi magistralmente usado para ilustrar a estagnação do desenvolvimento humano. O uso das funções simbólicas, como a leitura, promove o desenvolvimento do ser humano sendo que: “Para ensinar, o educador tem como matéria-prima o conhecimento formal que foi acumulado graças às capacidades do ser humano de codificar e decodificar a experiência por meio de registros” (LIMA, 2009, p.6).

Por outro lado, numa análise sociológica, há uma razão por trás do apagamento da memória que também foi interpretado com trechos dos três livros como um instrumento de manipulação e manutenção dos regimes totalitários descritos. Correlacionando-se com a realidade, o controle midiático e a desmotivação à leitura são fatores que contribuem para a falsa emancipação intelectual do indivíduo.

Nesse sentido, encontra-se na educação e na leitura as mais relevantes formas de autonomia individual, como ilustrados pelos três protagonistas das obras: John, Winston e Montag.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural**. In: COHN, G. (org.). Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Nacional, 1972.

BOSI, Alfredo. **Plural, mas não caótico**. In: BOSI, A. (org.). Cultura Brasileira: temas e situações. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. United States: Del Rey books, 2003

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem**. In: Textos de Intervenção. Ciência e Cultura. Rio de Janeiro, p.72-92, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.



COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles: mímese e verossimilhança**. São Paulo: Ática, 2003.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUXLEY, Aldous. **Brave New World**. England: Vintage, 2004.

LEWIS, C.S. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: Unesp, 2009.

LEWIS, C.S. **On stories: and other essays on Literature**. United States: Harcourt, 1982.

LIMA, Elvira Souza. **Memória e imaginação**. São Paulo: Inter alia comunicação e cultura, 2009.

ORWELL, George. **1984**. England: Penguin books, 2008.